

A Memória entre a Europa e os Novos Mundos

Ana Luísa Janeira

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 575-582

A Memória entre a Europa e os Novos Mundos¹

Ana Luísa Janeira *

Para o Professor Oliveira Ramos
que me ensinou o valor formativo da Memória dos Mestres no
caso, *Bergínia Rau* e *Bitorino Nemésio*

SÍNTESE

A memória enaltecida por gregos e romanos
O cristianismo procura a memória pela palavra
A presença da memória impõe-se pelo Sentido na Idade Média
A memória clássica invade o Renascimento e a Contra-Reforma
Os Novos Mundos questionam a memória tradicional

A memória enaltecida por gregos e romanos

Estes povos desdobram a tradição em documentos e monumentos, ou seja, na estrutura interna do pensar (filosofia) e da cultura (literatura, música e teatro), como na materialidade concreta (urbanismo, arquitectura e engenharia).

Como a Filosofia nasce do espanto e se mantém por perplexidades, o mundo helénico apostou na demanda em busca do princípio das coisas. Disseram, numa sequência significativa, que era água (Tales (séc. VII-VI AC.)) apeiron (Anaximandro (séc. VII-VI AC.)) ar (Anaxímenes (séc. VI AC.)) número (Pitágoras (séc. VI AC.)) devir-fogo (Heraclito (séc. VI-V AC.)) e falaram até dos quatro elementos (Empédocles (séc. V AC.)).

Sendo assim, criaram um deslizamento ascético, com avanços e retrocessos, dado o grau de maior ou de menor abstracção de que se serviram para pensar a *arché*. Seja pela necessidade de um fundamento para tudo, seja pela legitimidade de passar para o discurso modos de o substancializar, foram múltiplas as andanças percorridas, ao longo dessa itinerância. A qual correspondeu sempre a um processo com alicerces remotos *naphysis*, para desembocar directamente em meandros metafísicos.

* Professora Associada do Departamento de Química e Bioquímica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Rua Ernesto de Vasconcelos, 1700 Lisboa, Investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL)

Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral
Calçada Bento da Rocha Cabral, 14, 1250-047 Lisboa
Emails: janêlrja@fcjl.pjt e analiisajaiLeirja^dix^É

¹ Trabalho integrado no projecto Iteracia científico-tecnológica e opinião pública: o caso dos consumidores dos Museus das Ciências, subsidiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. Corresponde à primeira parte da Conferência Plenária O Lugar da Memória na História do Conhecimento e na Comunidade Científica e Museológica Actual, apresentada em Mylenio y Memória - Congresso Internacional Europa-América, Museos y Archivos para a Historia de la Ciencia, Buenos Aires, 20-24.11.2000

Entretanto, a cosmologia primitiva tinha cedido lugar à antropologia. E aqui, a memória tem menos que ver com a origem arque-típica do universo - procura da *ousía* - do que com fenómenos predominantemente humanos. Platão, menos interessado pelo princípio das coisas, outorgava à memória um imenso papel, pois não era ela que nos permitia actualizar o mundo eterno das ideias?

Conhecer é recordar.

Por isso, a maiêutica socrática, profundamente ligada à origem de cada ser humano emergia como um *meta-ódos capaz* de mostrar, e destinado a demonstrar, que o conhecimento (*con-naissancé*), desperto pelas sombras do real, é um nascimento (*naissance*), autorizado por reminiscências. Reminiscências que capacitavam o escravo Ménon para cálculos geométricos e libertavam o prisioneiro agrilhado na caverna. Assim, o acesso à Verdade, ao Bem, à Beleza e à Justiça implicava uma iniciação onde a memória simbolizava uma plataforma essencial para o ideal expresso pelo *Kalós* (belo) *kai* (e) *Agathós* (bom), a *Kalokagathía* (a honestidade perfeita) vivida no interior de si e no domínio do social.

Dizem que estes povos viviam num tempo cíclico, logo com boas razões para celebrar momentos fundadores de cidades, desfiles de triunfo, poemas épicos, jogos olímpicos ou bacanais, unindo corpo e espírito em gestos de recordação. Paralelamente, a *polis* e a *civitas* estavam inscritas com marcas históricas. A partir do exemplo de Roma, a matriz urbana passou a erguer-se com base na definição de duas vias maiores, aptas para acolher praças públicas e memoriais, onde a espacialidade estava orientada desde a origem.

O cristianismo procura a memória pela palavra

Amundividência cristã nascente reúne elementos muito específicos, mas não nasceu do nada. A história semita informa-a. O mundo greco-romano passou-lhe uma experiência cultural importante, de onde retirou ideais a seguir ou a abandonar para sempre.

A estética grega e o pragmatismo romano tinham demonstrado como era importante que a matéria sócio-política fosse informada pela tradição estigmatizada por deuses ou heróis. No primeiro caso, o teatro memorizava situações volvidas, reconstruídas por actores e coros, cabendo às máscaras um papel fundamental na recriação. Especialmente entre os segundos, a construção de aquedutos, arcos, pontes ou estradas completara o conjunto, às vezes com majestade.

Na Acrópole de Atenas, São Paulo mostrou que conhecia essa tradição por dentro, quando, ao olhar a harmonia dos templos, falou-lhes sobre aquele «Deus desconhecido» que, afinal, já incarnara.

Depois da aquidade ontológica do pensar helénico, que nunca encontrou semelhança entre romanos, São João retomou e transformou a questão, numa síntese paradigmática, quando disse: «No princípio era o Verbo».

Assim e independentemente de muitas outras diferenças, o pensamento cristão nascente descobriu uma fórmula muito sábia, complexa e densa, de expressar a origem, quando inscreveu o seu ponto de partida numa «arqueologia» centrada na densidade de um trajecto que passa pela palavra.

A Boa Nova faz-se de palavras, incarna a palavra, numa sintonia de mensagens dignas de serem contadas e memorizadas. A intervenção da memória passa a ser mais ética e estética do que cognitiva. Por outras palavras, passa a actuar mais como atitude e acção, do que como meio privilegiado para o saber: o plano intelectual é continuado pelo plano eclesial.

Conhecer é viver a Boa Nova.

No entanto, não se esqueça que a história foi provando como a institucionalização católica da memória está perpassada por desníveis entre teoria e prática, podendo servir infâmias papais, caprichos principescos, guerras religiosas, desvios de clérigos ou de fiéis, a muitos e variados níveis. Na verdade, quantas vezes não se evocaram princípios da «memória cristã» para defender teses e interesses que de cristão nada têm. Exemplos concretos da perversidade que pega na palavra para a deturpar, «invocando o nome de Deus em vão». Apesar de tudo isto é óbvio que o *Logos-Verbum*

individualizou uma cultura, na qual o conceito de memória vai preencher elos importantes com sequências diferenciadas.

A presença da memória impõe-se pelo sentido na Idade Média

Nesses tempos, a Bíblia, livro dos livros, e todos os demais mobilizaram um tipo de conhecimento em torno do ouvir e do ler. O mais importante era saber ouvir a palavra, e saber ler, senão as palavras escritas, pelo menos os sinais e símbolos de uma criação, estigma das potencialidades infinitas do poder divino. Neste contexto, a pregação religiosa como a lição académica faziam-se a partir de um modelo pedagógico muito preciso: o comentário.

Comentar equivalia a trazer o passado para o presente, prestar homenagem a autor (idade) es, acrescentar retóricas a um elo inquebrável de sentido. A interpretação requeria um investimento hermenêutico forte, mas isso não fazia que os avanços correspondessem a qualquer desejo de quebrar com nada do que fora recebido. O esforço posto na reescrita do texto encontrava o investimento dispensado à sua concepção primeira, dentro de uma comunidade intelectual focalizada pela discursividade sequenciada.

A predominância da analogia e da metáfora servia estes intuitos, num quadro de juízos marcadamente analíticos, onde o predicado mais não fazia que explicitar os conteúdos do sujeito.

Ao traduzir um desdobramento sobre si, a especulação traduzia uma inteligibilidade constituída por circuitos fechados, propensos à continuidade de pensamento, logo mantida no quadro de repetições acrescentadas, onde a medida do tempo incluía parâmetros manifestamente lineares, configurados por um critério último, o eterno. Porque, em última análise, tudo já tinha sido dito, o que importava era reunir meios para melhor explicitar o património intelectual, usando para isso do modelo teológico-filosófico de tipo argumentativo. A discursividade munia-se de uma caligrafia mental requintada e subtil, com lugares muito precisos para a memória retroactivada em tempos originais.

Amesmidade representava, pois, o fundamento ontológico que suportava *afides quaerens intellectum* e o estatuto metodológico que lhe garantia segurança nos fins. E porque se tratava de desvelar o sentido profundo da realidade - anunciado pelas palavras ou aproximada por estatuárias e iluminuras -, o espírito humano atinha-se às entranhas reveladoras dos nomes, *nomes da rosa* e outros.

Conhecer é descobrir sentidos, o Sentido.

A simbologia e a semiótica confluíam na reflexão de clássicos, baptizados por Santo Agostinho ou São Tomás e elegidos como mediadores no processo catequético-apologético. Estas autoridades serviam de garante a enunciados vindos de longe, agora, ladainhas a repetir com humildade, segundo cadências, pausas e rituais. Livros sagrados e textos filosóficos mereciam a exegese de espíritos pacientes, para quem a *Philosophia ancilla Theologiae* equivalia a um critério de distinção na hierarquia do conhecimento e para quem os autores escolhidos serviam como guias de excelência.

O mesmo treino por repetição descia aos caminhos, Caminhos de Santiago ou de Jerusalém, onde os peregrinos procuravam formas de iniciação, na memória de calçadas e de lugares santificados. Mais acima, num mosteiro, copistas - especialistas da escrita sem significar frequentemente *performance* em termos de leitura - desenhavam letras de um alfabeto predominantemente hermenêutico.

O nome como veículo privilegiado da memória. À mistura, a esbelteza surpreendente das catedrais. A sonoridade do canto chão. Ou o preciosismo dos códices. O pergaminho complementado pela música e pela pedra. Livros de horas. Pautas de coro. Mandrágoras. A tradição inscrita na memória dos dias e das horas.

Amundivência medieval retirava destas realidades quotidianas, projectadas numa *Civitas Dei*, o ambiente primeiro de onde emergiam sinais e selos (lembre-se *O Sétimo Selo* de Bergman) que incorporavam lendas, sagas, mistérios e dogmas.

Tudo convergindo para uma atmosfera, onde a tradição vivida por dentro representava uma forma muito especial de estar-no-mundo, porquanto requeria a substância de festas religiosas ou profanas, de tarefas agrícolas nos campos e até de períodos mais propícios para a guerra, dentro de um calendário gregoriano com momentos fortes, os santificados, preparados com novenas e

projectados de sol-a-sol.

A memória pela palavra alargava-se ainda a uma expressão muito significativa da pedagogia medieval: as histórias contadas da palavra, com suas personagens, através de simbologias talhadas em portas, gárgulas e capitéis das catedrais. Como só alguns sabiam escrever, melhor dito copiar, como poucos sabiam ler, foi preciso encontrar este método de difusão junto da maioria das gentes.

Curiosamente, as raízes religiosas absorvem as raízes populares, memorizando um imaginário espontâneo associado, por exemplo, a dogmas conciliares. De tal modo que fantasmas dos mais comuns e mistérios definidos por uma teologia elaborada e requintada podiam aparecer juntos. Sendo assim, estes registos são extremamente complexos, porque, apesar de excomungarem heterodoxos e bruxas, mantêm brechas por onde se evadem afectos, temores, emoções e absurdos.

Longe da racionalidade imperativa, que virá depois, a bibliografia e a iconografia medievais materializavam uma procura de sentidos, do Sentido, que devia servir de explicação globalizante para o ser e o conhecer, ao entrelaçar a metafísica e a gnoseologia, com vista a uma concepção total. Da mescla resultava uma harmonia estruturante onde tudo encaixava, sem que isso significasse ausência do excluído. Isto é, era excluído tudo aquilo que as autoridades, nomeadamente clericais, não consideravam dignas, ou consideravam incomodativas, para uma memória que tinha de estar ao serviço da causa, no caso a causa religiosa.

A memória clássica invade o Renascimento e a Contra-Reforma

Apesar de serem aparentemente opostos - porque um centra-se no Homem e o outro mobiliza-se a partir da Igreja - o certo é que houve aproximações entre os dois movimentos, ao seguirem lógicas fundamentadoras e regras internas com intuitos análogos: fazer «re-nascer» o universo romano, «re-formar» o catolicismo.

Neste contexto, e face a uma Idade Média roída pela peste negra, logo decaída nas suas energias, a Europa vestiu a memória com roupagens marcadamente antigas, ao decidir empenhar-se em genealogias culturais e religiosas. Estas genealogias apostavam em percursos de regresso. E o regresso significava uma demanda de soluções para um mal-estar saturado.

O entusiasmo pelos clássicos foi defendido, porque era preciso retomar fontes civilizacionais longínquas, consideradas deturpadas com o tempo. O fervor religioso foi proclamado, porque importava instrução cuidada para repor verdades esquecidas. *A Eneida* era procurada com interesse e ansiedade. *A Imitação de Cristo*, que não a Bíblia por causa de Lutero, começou a ser lida por todo o lado.

Conhecer é imitar modelos, recriando-os.

Todavia este retorno não significava propriamente uma busca do primitivo, porque mais genuíno, mas um retomar de períodos ou de testemunhos engrandecedores, para a cúria cardinalícia ou para a corte principesca. Neste aspecto, a Reforma era mais despojada, pelo menos nas intenções aparentes.

A filosofia e a literatura neo-clássicas entusiasmavam pela capacidade de darem voz à memória de poéticas e de enunciados, considerados dignos de serem conhecidos e copiados, porquanto reuniam condições para mostrarem exemplos de uma produção com qualidade. A imprensa ajudava, na medida em que seria usada como veículo de popularização das ideias.

Se a imitação podia corresponder a um paradigma passadista, nem por isso pretendia ser conservadora, pois não se voltava a um tempo qualquer, mas a tempos assumidos como gloriosos (Renascimento) ou mais autênticos (Contra-Reforma), logo com virtualidades especiais para mobilizarem respostas concretas em situações presentes e futuras.

Sempre que o ideário humanístico e inquisitorial estabeleceram proximidades entre si, resultou uma ideologia latinista e contra-reformista, favorável aos encantos da expurgação, por meio de um retorno a Virgílio ou a São Pedro.

Para completar o panorama, a Companhia de Jesus propagava uma pedagogia e catequética onde, a par dos exercícios da vontade, havia um treino orientado para (e pelos) exercícios da memória. Voltados para a presença de uma tradição a preservar, mas sem menosprezo pelas novida-

des, estes instrumentos privilegiados do conhecimento eram aproveitados para aperfeiçoar a lógica e a metafísica aristotélicas, reinterpretadas pela Escolástica, e assumiam o seu papel em termos da psicologia inerente aos famosos *Exercícios Espirituais*, obra importante de Santo Inácio de Loyola.

Para completar ainda mais o panorama, o coleccionismo papal e real, acumulando objectos realçados do passado, estabelecia reservas, num frenesi de compor conjuntos temáticos sem falhas, para recompor uma ordem cognitiva securizante: pedras preciosas, conchas, armarias, animais embalsamados, moedas, quadros, estátuas, códices, relógios, ervários.

Simultaneamente, retomou-se a tradição da memória monumentalizada. Como nunca tinha acontecido em tão grande escala, os mecenas escolheram as belas-artes para intervirem como apoio ao poder. Resultado, a Roma de Sisto V não tinha nada em comum com a *urbe* medieval. Era uma metrópole ampla, esquadrihada, com grandes vias, praças e colunatas. Numa palavra, tinha sido renovada de acordo com a dimensionalidade própria de gestos lendários, como os de Rómulo e Remo, na intercepção vial de épocas lendárias.

A cidade foi perspectivada com grandeza, para propiciar desfiles e procissões, através de pontos altos simbolizados por basílicas e obeliscos, marcas intercalares dentro de trajectos evocadores de movimentações religiosas de tipo colectivo. Assim, em épocas importantes do calendário litúrgico, as procissões reuniam multidões de fiéis para comemorarem passagens significativas da vida de Cristo, de Santos ou de Mártires, sendo que os percursos eram cuidadosamente planeados para surtirem impactos sensoriais e emocionais fortes. A hierarquia romana aproveitava-se desses efeitos, para se munir de seguranças no que respeita a possíveis desvios da devoção popular.

Porque essa era a estratégia de fundo, que até gerou um Maquiavel, estipulava-se uma correspondência directa entre a peregrinação exterior, pautada pelos lugares, e a peregrinação interior, segundo critérios espirituais. A memória individual era explorada, a memória colectiva estava instrumentalizada, enquanto que a memória urbana manejava ainda melhores resultados.

A arquitectónica volumosa, ao retomar medidas à moda dos romanos, conseguia exaltar o respeito pela autoridade - financeira, política e religiosa, por vezes reunidas numa mesma pessoa - obtendo frequentemente fins de declarada submissão.

Acompanhada pela escultura e pintura, a monumentalidade urbana memorial invadiu o espaço criativo, com estilos requintados, belamente sóbrios, onde as rectas se assenhoreiam da dimensão construída em verticalidade, e onde os planos se concentram em produtos ópticos tridimensionais, modelados ou construídos no mármore. Grandes praças, frontões triangulares, arcadas robustas, colunas salomónicas, estátuas imponentes, preparavam a entrada para um espaço-salão, seja a Igreja de Gesu ou a Basílica de São Pedro.

Os Novos Mundos questionam a memória tradicional

Para abandonarem a navegação costeira, auxiliada por portulanos, e remarem ao mar alto sem terra à vista, portugueses e espanhóis precisaram de observar fixamente os céus e as costas, estriando a representação do globo terrestre com cartografias medidas em latitudes, longitudes, paralelos e meridianos. Quando chegaram a terras longínquas, navegadores e conquistadores tiveram de interiorizar atitudes favoráveis à mudança, munindo-se de meios para incorporar ambientes e fenómenos nunca vistos.

Se o treino teórico e prático, em astronomia e cartografia, os capacitava para responder a certas novidades e imprevistos naturais, havia muitos outros momentos que implicavam saberes inovadores e reformulações técnicas adequadas.

Naquelas paragens, a configuração cognitiva passou a basear-se na «experiência feita», sendo que esta experiência exigia, não só a percepção adequada de novas lógicas, como esquemas adaptados às realidades envolventes, do Atlântico, ao Índico e ao Pacífico.

Conhecer é saber-olhar e saber-ver.

Na verdade, como o conteúdo do ensino recebido e a forma do mundo recém descoberto se revelavam contrastantes, a capacidade de estar atento aos estímulos sensoriais, nomeadamente na

área do visual, adquiria um estatuto cognitivo básico. O carácter limitado e limitante dos livros questionava, pois, o espírito europeu, surpreendido por um desequilíbrio, só contornável com grandes rupturas: o desequilíbrio entre o que pensavam conhecer e o muito que tinham ainda para aprender.

Nestas condições, importava reunir meios propiciadores de uma mentalidade disposta à novidade, ou seja, criar módulos e relações mentais aptas para refazer a medida exacta que uniria «as palavras e as coisas», à margem do saber-ouvir e do saber-ler, outrora dominantes, mas que eram agora contestados.

Face a este conjunto, impunha-se ter uma visão de conjunto, porque as alterações apontavam para uma ordem nova, determinante. Por isso, a História Natural e a Filosofia Natural concebiam a realidade segundo uma lógica global. Todo, de onde só se tiram partes, através de raciocínios tendendo para a abstracção. Por isso, também, os Três Reinos da Natureza equivaliam a uma funcionalidade cognitiva e disciplinadora, fora de uma essencialidade declaradamente estrutural. Enquanto isso, o horizonte fantasmático da globalidade foi perdurando, apesar do pensamento analógico ter perdido terreno depois do Renascimento. Por outras palavras, a definição da unidade fundamentadora relacionada com o universo perdurou, para além do esforço que conseguiu distinguir.

Contribuindo para a integração dos adquiridos recentes, e sua consistência geral, a ordem, a sistemática e a *mathesis* surgiam como grelhas de inteligibilidade para semelhanças e diferenças.

Dá se explica porque é que começa a emergir uma personalidade muito particular - o naturalista - a quem cabe desenvolver uma estrutura à margem de todas as especialidades, que viriam a existir posteriormente: olha por todo o lado, olha por tudo, atendendo ao todo que vê, procurando descrever a totalidade que alcança. Mesmo se certo distanciamento o tornava mais sensível ao diferente, nada lhe era verdadeiramente estranho. Falando com propriedade, ele nunca se sentia estrangeiro, alguma vez, por qualquer espaço. Neste contexto, tudo aquilo que era passível de ser considerado como elemento constituinte e constitutivo da Natureza devia ser compreendido - olhado, visto, observado - como fazendo parte de uma mesma realidade: das colinas geográficas às máscaras indígenas, das formações e estratos geológicos às epidemias, dos animais selvagens ou domésticos às drogas exóticas, dos costumes sociais aos esplendores botânicos insuspeitados.

As distinções encontravam-se esbatidas porque havia um substrato fundamentador permanente e omnipresente, do lado do objecto, e porque a atitude cognoscente, por parte do sujeito, se atinha sobre as superfícies e visibilidades exteriores. Com efeito, no meio de muitos percursos e veredas, estes eternos itinerantes da floresta tropical às costas europeias primavam por uma óptica contida na vista desarmada. Param. Olham. Tornam a parar. Tornam a olhar. Desenham aqui e acolá. Tiram notas. O estilo resultante - descritivo, analítico e muito pormenorizado - mediava da pureza neo-clássica à sobrecarga rócócó.

Concluindo, atento ao universo dos seres, fascinado pelo vulgar de Lineu ou pelo exótico, o naturalista foi aquele espírito singular, movido por semelhanças e diferenças, que fez pontes metodológicas, em demanda do sistema natural. Sendo um «profissional do olhar pertinente» e um amante do ar livre, o campo chamava-o pelo corpo e alma. E esta atracção constituiu um apelo a que correspondia fielmente, em saídas por algumas horas ou estadias de vários anos.

No que ela tem de memória continuada, a tendência colecionista mantém-se. Aumenta até. Mas já apresenta outras características. A colecção descobre formas novas. Por um lado, a rapina do mundo exótico arrasta um património riquíssimo e muito mais variado, a abarrotar nos cofres europeus. Por outro lado, as desigualdades obrigam à comparação e sistematização entre exemplares, acicate maior para a sede de acúmulo.

A configuração epistemológica possibilita, pois, a emergência de uma mentalidade pletórica, viciada pelo preenchimento de vazios - vazios entre conchas dentro de um armário ou vazios entre minerais sobre uma mesa -. Aprofundando um pouco mais, dir-se-ia que, a seu nível, esta necessidade representará, por certo, a urgência de soluções para o vazio que ficou, quando a analogia e a metáfora começaram a ser irradiadas, de acordo com as alterações vigentes. Com elas, afastaram-se, igualmente, um tipo de cultura, de tradição e de memória.